



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos

**ADOLESCENTES TRANS, TRAVESTIS E NÃO BINÁRIOS EM QUESTÃO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOB O PRISMA DO PROGRAMA AQUARELA**

MARIA CAROLINE DA SILVA NASCIMENTO¹

FERNANDA GRANEIRO BASTOS²

LUCY MORAES CHAVES³

MAYARA DO NASCIMENTO DUTRA⁴

SARA DE ALMEIDA FERNANDES⁵

RESUMO:

Este relato de experiência objetiva apresentar as atividades desenvolvidas pelo Programa Aquarela. Localizado no âmbito da Atenção Primária à Saúde do Núcleo de Estudos da Saúde do adolescente (NESA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o referido Programa realiza o acompanhamento interdisciplinar de mais de 150 adolescentes transgênero, travestis e não binários e suas famílias.

Palavras chave: Atenção Primária à Saúde; Adolescência; Transexualidade; Trabalho com grupos; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This experience report aims to present the activities developed by the Aquarela Program. Located within the scope of Primary Health Care at the Adolescent Health Studies Center (NESA) at the State University of Rio de Janeiro (UERJ), this Program carries out interdisciplinary monitoring of more than 150 trans, transvestite and non-binary adolescents and their families.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Keywords: Primary Health Care; Adolescence; Transsexuality; Work with groups; Interdisciplinarity

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) é um serviço de saúde especializado no atendimento a adolescentes, originando-se em 1974 no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) enquanto um serviço terciário com vistas à prestação da assistência multidisciplinar em saúde da respectiva população e, posteriormente, expande-se para os serviços de atenção secundária e primária à saúde.

Estando inserido nas dependências institucionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), as ações desenvolvidas no NESA vão de encontro com os princípios universitários no que tange ao tripé de ensino, pesquisa e extensão, onde, além da formação profissional, inclui-se, também, a realização de pesquisas, programas e projetos junto ao público-alvo da instituição, tendo como especificidade a promoção, prevenção e proteção da saúde de adolescentes.

Nesse sentido, o Programa Aquarela está inserido no âmbito da atenção primária à saúde do NESA e origina-se em 2018, objetivando atender integralmente, de acordo com os princípios do SUS, as demandas dos adolescentes e jovens transgêneros, travestis e não binários que residem no estado do Rio de Janeiro; identificar as dificuldades de adesão destes nos serviços de saúde e colaborar para a qualificação da atenção integral à saúde transexual a partir da capacitação de profissionais de saúde da rede.

Possuindo uma equipe multidisciplinar, conta com profissionais das especialidades de hebiatria, endocrinologia, psiquiatria, psicologia, serviço social, fisioterapia, enfermagem e técnicos de enfermagem, além de alunos de graduação e pós-graduação em serviço social - esta última categoria, por sua vez, abrange o curso de especialização em serviço social e saúde (CESSS/UERJ), no qual o residente inserido no âmbito da atenção primária do NESA integra, durante os 2 anos de curso, as atividades desenvolvidas pelo Aquarela e demais projetos e programas elaborados neste universo.

Cabe ressaltar que a referida equipe realiza atendimentos ambulatoriais de adolescentes e jovens transgêneros, travestis e não-binários e suas famílias, inseridos no NESA ou externos à instituição, sendo estes encaminhados pela rede intersetorial - com destaque para os coletivos e Organizações não governamentais (ONG's) que atuam junto ao público alvo do programa - ou

através de contato espontâneo.

Nesse sentido, o presente relato de experiência está estruturado da seguinte maneira: primeiro, realizamos a contextualização teórica que desencadeou o surgimento do Programa Aquarela, bem como a metodologia do atendimento interdisciplinar, as atividades em grupo com os adolescentes e seus familiares; em seguida, discutimos os resultados alcançados com este programa, evidenciando a importância da interdisciplinaridade no cuidado em saúde para adolescentes transgêneros, travestis e não binários; em por fim, realizamos as considerações finais sobre as atividades desenvolvidas no escopo deste Programa.

O PROGRAMA AQUARELA

A saúde de adolescentes e jovens transgêneros, travestis e não binários é um tema emergente e crucial no campo da saúde pública. No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) enfrenta desafios significativos para atender adequadamente a essa população, muitas vezes invisibilizada e marginalizada.

Segundo o dossiê elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em 2024, o Brasil segue como o país que mais assassinou pessoas trans pelo 15º ano consecutivo, cuja vítima mais jovem do transfeminicídio neste território possuía apenas 13 anos de idade; 49,6% das vítimas fatais de transfobia tinham entre 18 e 29 anos, cujo recorte etário compreende a Lei nº 12.852, que institui o Estatuto da Juventude.

A adolescência é um período de desenvolvimento marcado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, e deve-se pensar a saúde do referido grupo populacional de maneira integral, de acordo com o previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Estando inserido na amplitude da juventude, esta deve ser concebida de forma plural, considerando suas múltiplas especificidades que abarcam o recorte de gênero, raça, etnia, territorialidade, sexualidade, classe, dentre outras categorias (Calazans, 2006).

Para adolescentes trans, travestis e não binários, essas transformações podem ser ainda mais complexas, envolvendo questões de identidade de gênero e orientação sexual que desafiam as normativas sociais e culturais presentes na sociedade brasileira. No contexto da Atenção Primária à Saúde (APS), a promoção da saúde integral desses adolescentes requer abordagens que vão além do modelo biomédico tradicional, integrando aspectos psicossociais e culturais.

No Brasil, a legislação de saúde, especialmente a Lei 8.080/90, estabelece o direito à



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

saúde como um direito de todos e dever do estado, o que inclui a população LGBTI+. No entanto, a implementação dessas diretrizes encontra barreiras significativas, particularmente no atendimento à população trans. Estudos mostram que a transfobia institucional⁶ é uma das principais iniquidades⁷ enfrentadas por essa população no acesso aos serviços de saúde, impactando diretamente a qualidade do atendimento.

O Programa Aquarela, do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) da UERJ, surge como uma resposta a essas demandas e foi concebido com vistas a preencher esta lacuna no atendimento à saúde de adolescentes trans⁸, oferecendo um modelo de cuidado interdisciplinar que integra assistência, acolhimento e promoção da saúde a esses adolescentes e suas famílias - conjugando, ainda, a formação de alunos da graduação e pós graduação, bem como a capacitação de gestores e profissionais da rede de proteção e garantia de direitos.

Sua estrutura é baseada em uma equipe interdisciplinar composta por um médico hebiatra, uma assistente social, uma psicóloga, uma psiquiatra, uma fisioterapeuta, uma técnica de enfermagem, uma enfermeira, duas alunas de graduação de serviço social e uma residente de serviço social, que trabalham em conjunto para fornecer um atendimento integral e centrado no adolescente.

O objetivo principal do programa é oferecer um espaço seguro onde os adolescentes possam explorar e afirmar sua identidade de gênero, ao mesmo tempo em que recebem cuidados de saúde que atendam às suas necessidades específicas. Nessa esteira, ressalta-se que os adolescentes atendidos pelo Programa apresentam demandas clínicas como todo e qualquer adolescente: uso excessivo de tela, sedentarismo, acne, entre outras questões que são inerentes à adolescência.

Desde seu início, em novembro de 2018, o Programa Aquarela já atendeu mais de 150 adolescentes, oferecendo serviços que vão desde o acompanhamento psicológico até a orientação sobre o uso do nome social e questões relacionadas aos desafios sobre o uso dos banheiros públicos e à retificação de nome e gênero em documentos oficiais. Visando ampliar o

⁶ A transfobia, de acordo com a pesquisa Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT) realizada pela Transgender Europe (2018), é caracterizada como “um espectro de violência, discriminação e atitudes negativas direcionadas a pessoas trans e gênero-diversas, ou pessoas que transgridem ou não estão conformadas nas expectativas e normas sociais relacionadas a gênero. Isso inclui formas institucionalizadas de discriminação, criminalização, patologização e estigmatização que se manifestam de várias maneiras desde a violência física, discurso de ódio, insultos e cobertura de mídia hostil até formas mais difusas de opressão e exclusão social” (Jesus e Radl-Phillip, 2022)

⁷ Esta dimensão está relacionada às desiguais condições de saúde da população e às desigualdades no acesso e utilização dos serviços de saúde (Baldo, 2024)

⁸ Para maior aprofundamento, consultar Martins (2021)

acesso a cuidados de saúde integral, o Programa também se articula com outras redes de apoio e serviços especializados, como o Ambulatório Identidade⁹ e as ONG's Mães Pela Diversidade e Minha Criança Trans.

Metodologia do Atendimento Interdisciplinar

A metodologia adotada pelo Programa Aquarela é baseada em princípios de interdisciplinaridade e integralidade, que orientam todas as etapas do atendimento. O processo de acolhimento inicial, considerado um dos pilares do programa, envolve a participação de pelo menos dois profissionais de diferentes áreas, que realizam uma avaliação conjunta das necessidades do adolescente e de sua família.

Esse acolhimento objetiva criar um ambiente de confiança e segurança, essencial para que os adolescentes e suas famílias se sintam à vontade para expressar suas dúvidas e expectativas com relação ao Programa.

O atendimento subsequente é organizado em torno de um plano de cuidado personalizado, que inclui consultas regulares com diferentes profissionais da equipe interdisciplinar, a partir das necessidades de cuidado em saúde identificadas no acolhimento inicial.

Não obstante, ressaltamos a importância da formação e da capacitação de todas as categorias que compõem o corpo profissional da instituição, para além da equipe que integra o Programa, chamando atenção, sobretudo, para o setor da recepção hospitalar - sendo, este, o primeiro contato do adolescente e sua família com a unidade de saúde.

Sob esse prisma, destacamos que a ambiência institucional é fundamental para que se proporcione um espaço acolhedor e assegurador de direitos. Nesse sentido, em toda a estrutura da unidade encontram-se intervenções visuais e informativas que possibilitam a visibilidade das pautas do público do Aquarela, como, por exemplo, o respeito ao nome social e aos pronomes que o adolescente se identifica.

Grupo com os adolescentes atendidos pelo Programa Aquarela

⁹ Localizado no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Ambulatório Identidade é um serviço de atendimento multiprofissional para o acompanhamento clínico de pessoas trans. Este serviço está inserido no âmbito do Sistema de Regulação (SISREG), contudo, devido ao estabelecimento de parceria com o Programa Aquarela, é possível o encaminhamento interno de adolescentes atendidos pelo Programa para este ambulatório.

Além das consultas individuais, o programa promove atividades em grupo e oficinas temáticas com os adolescentes e suas famílias, que abordam questões como a construção da identidade de gênero, sexualidade, direitos humanos e autocuidado.

Cabe ressaltar que as atividades em grupo com os adolescentes foi uma demanda que surgiu a partir dos atendimentos individuais, no qual os adolescentes atendidos expressavam o desejo de conhecer e conviver com outros adolescentes trans. Nesse sentido, as atividades em grupo com os adolescentes constitui-se enquanto potente rede de apoio, troca de experiências e espaço de pertencimento.

Em concordância com as atividades de grupo e coletivas, ocorrem, também, passeios externos com adolescentes trans, travestis e não binários, que têm um papel fundamental no desenvolvimento integral dos participantes do Programa. Esses passeios são planejados não apenas como momentos de lazer, mas também como oportunidades educativas e de fortalecimento dos vínculos entre os adolescentes e a equipe do Programa.

De acordo com Silva (2024), o trânsito por espaços da cidade busca impulsionar, sobretudo, o acesso e a participação ativa de adolescentes trans ocupando os espaços públicos da cidade. O acesso à cidade em segurança, historicamente negado para corpos trans, é um marco importante na trajetória de muitos adolescentes atendidos no projeto, que pela primeira vez se sentem seguros para aproveitar visitas a museus e outros espaços.

Nesse sentido, chamamos a atenção para o fato que muitos adolescentes trans, travestis e não binários enfrentam o isolamento social e a discriminação em seus ambientes familiares e escolares, no qual as atividades em grupo e os passeios oferecem um espaço seguro onde eles podem interagir com outros adolescentes que compartilham experiências semelhantes, criando uma rede de apoio mútuo.

Estando em um ambiente acolhedor e livre de preconceitos, os adolescentes podem expressar suas identidades de gênero de forma mais livre e segura, onde, nesta oportunidade, a equipe do Programa Aquarela estimula reflexões sobre autoaceitação e empoderamento, ajudando os adolescentes a consolidarem suas identidades e a se autoafirmarem.

Ademais, a interação em ambientes externos permite que os adolescentes pratiquem habilidades sociais em contextos variados, sendo especialmente importante para aqueles que enfrentam dificuldades em se expressarem ou em se relacionarem em espaços públicos devido ao medo de discriminação e de represálias oriundas da transfobia.

Muitos dos passeios incluem visitas a locais culturais, históricos ou educativos, como



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

museus, exposições ou parques. Esses espaços proporcionam oportunidades de aprendizagem que complementam a educação formal, promovendo a cultura e a história como elementos fundamentais para a formação da cidadania.

Grupo com os familiares dos adolescentes atendidos pelo Programa Aquarela

Destaca-se, ainda, que a transição ocorre no aspecto social, cujos atores que estão envolvidos no cotidiano do adolescente (família, amigos, escola...) entram em transição junto com este. Nesse sentido, ao possibilitar o compartilhamento de experiências, os grupos com os familiares ocorrem com o objetivo de desconstruir mitos e preconceitos acerca do processo de transição de gênero e do processo transexualizador, bem como o esclarecimento de dúvidas sobre como lidar com as questões de identidade de gênero de seus filhos, desempenhando um papel crucial no processo de cuidado integral à saúde dos adolescentes atendidos pelo Programa.

Diante desses objetivos, o grupo facilita a comunicação entre os membros da família, criando um ambiente seguro onde os pais, mães, e outros familiares podem expressar suas preocupações, medos e dúvidas. A ideia é fortalecer os laços familiares e promover o entendimento e o respeito mútuo em relação à identidade de gênero do adolescente.

Assim, os encontros do grupo de famílias são facilitados por profissionais do Programa Aquarela, como psicólogos, assistentes sociais e demais profissionais de saúde que integram a equipe do referido Programa, que guiam as discussões e oferecem suporte especializado para o referido grupo.

Cada encontro é planejado para abordar temas específicos que são relevantes para as famílias, como a discussão sobre as diferentes identidades de gênero, como transgênero, não-binário, e travesti, e como essas identidades se manifestam na adolescência; orientações sobre como apoiar a transição social e/ou médica dos adolescentes, incluindo o uso do nome social, vestimentas, e, se aplicável, tratamentos hormonais; informações sobre os direitos dos adolescentes trans e como lidar com questões legais, como a mudança de nome e gênero em documentos oficiais; e discussões sobre como apoiar a saúde mental dos adolescentes trans, identificando sinais de sofrimento psicológico e conhecendo os recursos disponíveis para assistência.

É importante destacar que, neste universo, muitos familiares chegam ao grupo com pouco ou nenhum conhecimento sobre questões de identidade de gênero, o que pode gerar confusão ou



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

resistência. O Programa Aquarela utiliza o grupo como um espaço educativo, oferecendo informações sobre transexualidade, não-binaridade, e as especificidades do desenvolvimento adolescente, além de discutir os direitos legais dos adolescentes trans.

Ao proporcionar um espaço para que os familiares entendam melhor as experiências de seus filhos, o grupo ajuda a reduzir o preconceito e a transfobia, tanto no âmbito familiar quanto social. O compartilhamento de histórias e a escuta de outras famílias em situações semelhantes frequentemente trazem uma nova perspectiva, ajudando a desconstruir preconceitos.

A descoberta de que um filho ou filha é trans pode ser um momento desafiador para muitas famílias. O grupo oferece apoio emocional, ajudando os familiares a lidar com seus sentimentos e a desenvolver estratégias para apoiar melhor os adolescentes. Este suporte é essencial para criar um ambiente familiar mais acolhedor e seguro.

O grupo também serve para criar uma rede de apoio entre as famílias, promovendo a troca de experiências e o suporte mútuo. Essa rede é importante para que os familiares não se sintam sozinhos ou desamparados diante dos desafios que podem surgir ao longo do processo de afirmação de gênero dos adolescentes.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Desde sua implementação, o Programa Aquarela tem alcançado resultados significativos no atendimento à saúde de adolescentes trans e não binários. Os dados coletados entre novembro de 2018 e julho de 2024 mostram um aumento contínuo no número de adolescentes atendidos, com um total de 180 participantes até o momento.

Conforme os gráficos 1 e 2, esses adolescentes variam em idade, com a maioria entre 12 e 17 anos, e em identidade de gênero, onde a maior parte dos adolescentes se identificam enquanto pessoas trans. Ainda, o quantitativo de indivíduos atendidos com mais de 18 anos acaba por expressar um dos inúmeros gargalos encontrados pelo referido grupo populacional no que se refere ao atendimento em saúde no âmbito do SUS.

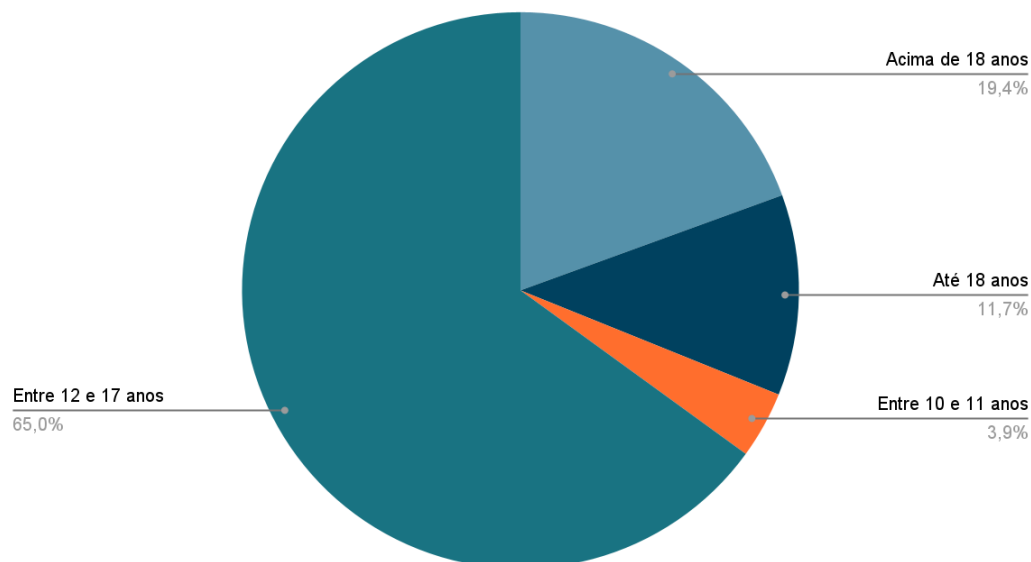
Não obstante, o gráfico 3 apresenta dados referentes à autodeclaração racial dos adolescentes atendidos pelo Programa. O percentual do descritor “não consta” refere-se à dificuldade dos adolescentes em responder à pergunta sobre sua identidade racial - e dos profissionais em aferir este quesito, fator esse que reflete um complexo desafio, oriundo das heranças do passado escravocrata que construiu os alicerces da sociabilidade brasileira.

Nesse sentido, há de se refletir que, sob o égide do racismo no contexto brasileiro, a sociedade supracitada frequentemente marginaliza, desrespeita e aniquila a identidade da população negra: segundo dados mais recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2024), no ano de 2022, a vitimização de pessoas negras correspondeu a 76,5% total dos homicídios registrados no país.

Diante deste cenário, a pressão e os estigmas impostos por uma sociedade que é estruturalmente racista¹⁰ acabam por contribuir para a complexidade dessa autodeclaração. No âmbito do Aquarela, nossa equipe multidisciplinar reconhece essa dificuldade e se empenha em apoiar esses adolescentes através de um acompanhamento cuidadoso e direcionado, visando a superação do racismo em todas as suas esferas.

Para tanto, utilizamos abordagens pedagógicas e ferramentas teóricas para auxiliar esses jovens no processo de reconhecimento e afirmação de sua identidade, no qual o nosso trabalho visa criar um ambiente de apoio e desenvolvimento que possibilite aos adolescentes não apenas reconhecerem e valorizarem sua identidade racial, mas também se engajarem de maneira ativa e consciente no cuidado de sua saúde e na construção de um futuro mais inclusivo e equitativo.

Gráfico 1 - Idade dos adolescentes atendidos pelo Programa Aquarela até o mês de julho de 2024



Fonte: os autores, 2024.

¹⁰ Vemos por Almeida (2018) que o racismo possui uma dimensão estrutural, integrando a organização econômica e política da sociedade brasileira, fornecendo a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.

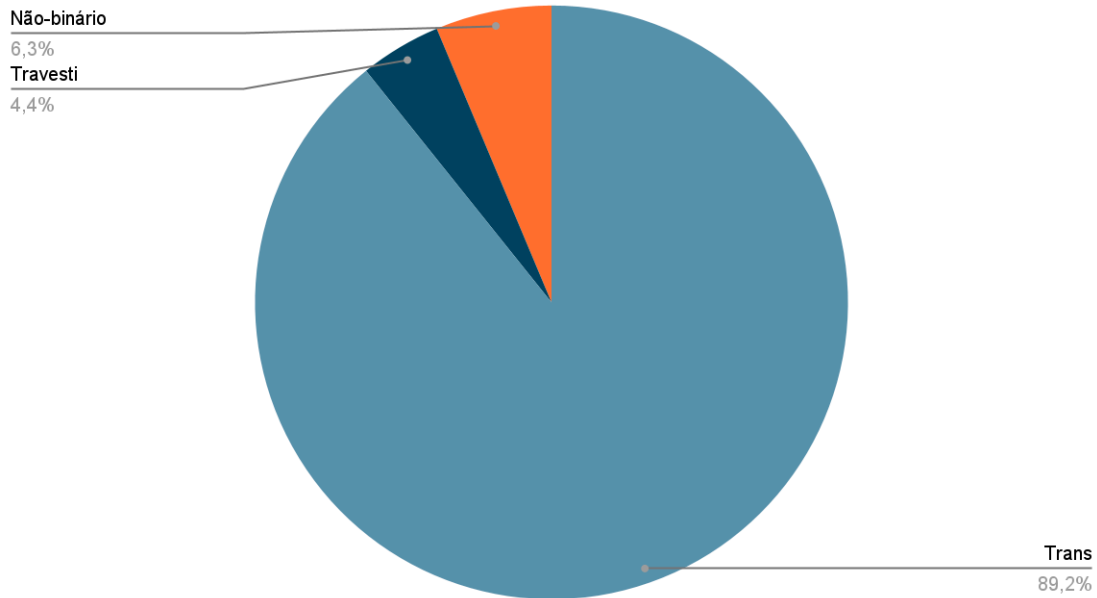


Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

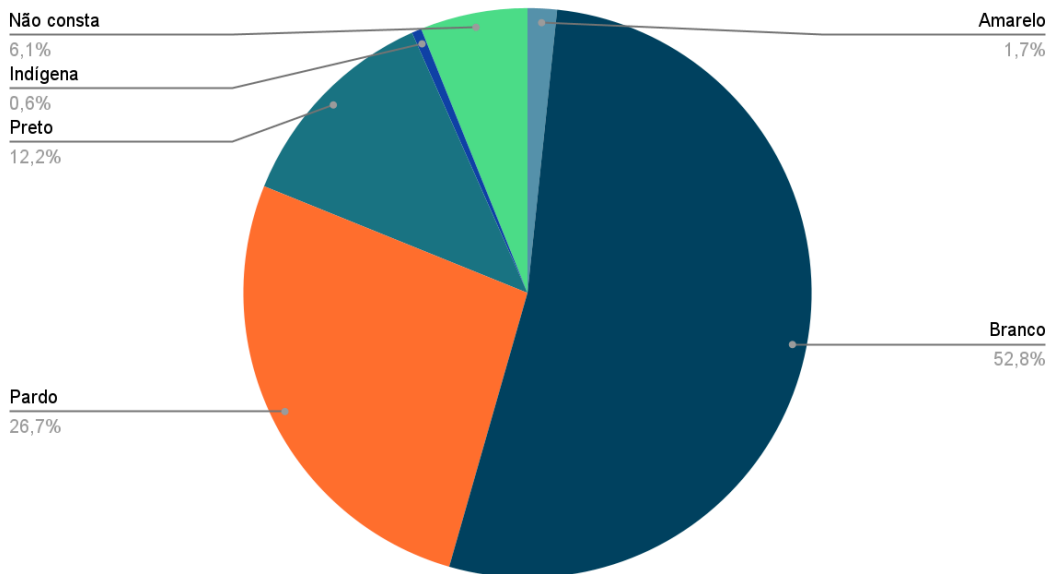
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Gráfico 2 - Identidade de gênero dos adolescentes atendidos pelo Programa Aquarela até o mês de julho de 2024



Fonte: os autores, 2024.

Gráfico 3 - Quesito raça/cor dos adolescentes atendidos pelo Programa Aquarela até o mês de julho de 2024



Fonte: os autores, 2024.

Além dos atendimentos clínicos e psicológicos, o programa tem obtido sucesso na promoção de mudanças sociais significativas. Muitos dos adolescentes atendidos relataram uma melhora na aceitação familiar e na integração escolar, aspectos fundamentais para o desenvolvimento saudável.

O respeito ao nome social e a garantia de acesso a serviços de saúde sem discriminação são conquistas importantes alcançadas através do trabalho contínuo de sensibilização e educação desenvolvido pelo programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atendimento à saúde de adolescentes trans, travestis e não binários ainda enfrenta inúmeros desafios no contexto do SUS. A transfobia institucional, manifestada em formas sutis e explícitas de discriminação, continua sendo um dos maiores obstáculos. No entanto, o Programa Aquarela demonstra que é possível superar essas barreiras através da construção de uma rede de cuidados que integra diferentes áreas do conhecimento e se baseia em princípios de equidade e respeito à diversidade.

A interdisciplinaridade, nesse contexto, não é apenas uma estratégia técnica, mas uma abordagem ética que promove a colaboração entre diferentes saberes e práticas, criando um cuidado mais completo e humanizado. O sucesso do programa evidencia a importância de políticas públicas que incentivem e sustentem iniciativas semelhantes, proporcionando acesso universal e igualitário à saúde para toda a população, incluindo os adolescentes trans.

As atividades em grupo com os adolescentes e os passeios externos têm um impacto significativo no bem-estar e no desenvolvimento dos adolescentes atendidos pelo referido Programa, ajudando a quebrar a rotina e oferecendo novas perspectivas, reforçando a importância da inclusão e do respeito à diversidade. Além disso, os passeios fortalecem o vínculo entre os adolescentes e a equipe, criando um ambiente de confiança mútua que é essencial para o sucesso do atendimento interdisciplinar.

Não obstante, o grupo com as famílias têm um impacto profundo tanto nos adolescentes quanto em seus familiares. Para os adolescentes, saber que suas famílias estão envolvidas e dispostas a aprender e a apoiá-los pode ser extremamente fortalecedor e encorajador. Para os familiares, o grupo oferece um espaço onde podem se sentir compreendidos e onde podem encontrar as ferramentas necessárias para apoiar seus filhos da melhor forma possível.

Muitos relatos de famílias que participam do grupo indicam que, após alguns encontros, houve uma melhora significativa na comunicação em casa, maior aceitação da identidade de gênero do adolescente, e um ambiente mais harmonioso e respeitoso. Esse processo de transformação é fundamental para que os adolescentes se sintam seguros e amados, o que é crucial para seu desenvolvimento saudável e para a construção de uma autoestima positiva.

Nesse sentido, o Programa Aquarela tem desempenhado um papel vital na promoção da saúde e do bem-estar do referido contingente populacional, promovendo o desenvolvimento social, emocional e cultural em um contexto seguro e acolhedor para estes adolescentes e suas famílias.

Ao adotar uma abordagem interdisciplinar e centrada no usuário, o programa não apenas atende às necessidades de saúde imediatas desses adolescentes, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. No entanto, é necessário que haja um maior compromisso do Estado e da sociedade civil para garantir a continuidade e a expansão de programas como este, que enfrentam de maneira eficaz as desigualdades e promovem a saúde integral de todos os cidadãos.

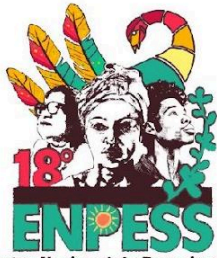
REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BALDO, Valentina Sofía Suárez. INIQUIDADES EM SAÚDE. In: MATOS M. C.; BERNARDO M. H. J.; VELOSO, R.(org.). **Dicionário Crítico do Serviço Social na Saúde**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2024.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**/Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais)–Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. 1990.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

CALAZANS, G. J. . **Saúde e Juventude: Por horizontes mais saudáveis.** Onda Jovem, São Paulo, , v. Ano 2 N. 4, p. 34 - 37, 30 mar. 2006.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024.** Brasília: Ipea; FBSP, 2024

JESUS, N. N. de; RADL-PHILIPP, R. M. Vivências marcadas pela transfobia: memória e narrativas de discriminação e violência de mulheres trans e travestis. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 400–418, 2022. DOI: 10.14393/CEF-v35n1-2022-19. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/67119>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MARTINS, Luiza Buzgaib. **DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O ATENDIMENTO À SAÚDE DE ADOLESCENTES TRANSGÊNERO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE:** a experiência do programa aquarela. 2021. 90f. Monografia (Residência em Saúde) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Welison Matheus Fontes da. **ADOLESCÊNCIAS E JUVENTUDES EM (TRÂNS)ITOS:** identidades de gênero, direito à cidade e Serviço Social. 2024. 74f. Monografia (Residência em Saúde) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.



Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social